

ALMOÇO DE NATAL

17 de Dezembro de 2010

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmas. Senhoras e Senhores

Permitam-me que agradeça a presença de todos e a todos formule votos de um feliz Natal e um ano novo tão próspero quanto possível. O tempo que se segue como preâmbulo ao almoço de Natal será preenchido por dois momentos distintos: Um momento de poesia e um momento musical. Eu encarregar-me-ei do momento de poesia. O Sargento-mor José de Soares do momento musical. O momento de poesia decidi preenchê-lo com poemas inéditos que dediquei:

À Marinha
À Força Aérea
Ao Exército
Ao País e
Ao Natal

São todos produto de sentimentos e vivências do passado e do presente. Começo pelo poema que dediquei à Marinha. Ele resulta de um certo desconforto que como cidadão sinto pelas relações que a partir de determinada altura passámos a ter com o Mar. Tem o título “ De novo o Mar”

DE NOVO O MAR

*Queimem-se as rimas
Ignorem-se os ritmos
Risquem-se as vírgulas
Esqueçam-se os pontos
Sejam minúsculas as maiúsculas
Maiúsculas as minúsculas
Rasguem-se as velhas prosas
Que o Sol nos dê novo luar
Cheire-se uma nova Rosa
Que a poesia seja de novo o Mar
As rimas sejam de novo rimas
Os ritmos ventos de novas vidas
As vírgulas postas noutra lugar
As maiúsculas sejam lidas
Os pontos não nos façam parar
As minúsculas esquecidas
Que a nova prosa da vida seja
O que do Mar brotar!*

Relativamente à Força Aérea resolvi passar a papel algo da minha relação em campanha com os helicópteros que ainda hoje me transportam para os Dembos ou para o Leste de Angola quando ouço as suas pás.

“MOSCAS”

*Rosnam ruidosas “moscas”
Sobre nossas cabeças
o ruído é de seres aflitos
Zumbem como mosquitos
Ora nos largam
Ora nos buscam
Ora ouvem nossos gritos
E a música de suas pás
Feita de metálicos e sopros
Só é suave de embalar
Quando velozes, já no ar
Deixam para trás aquele inferno
Móveis, flexíveis, sem parar
Dão ao homem sensação de voar.*

A minha homenagem às Forças terrestres faço-o através de um poema ao Capitão Prudente com quem convivi nos Dembos quase dois anos.

AO CAPITÃO PRUDENTE

*Era imprudente o Prudente
No contacto com os Dembos
Mata densa e irreverente
Sempre que In mostrava os dentes.
Quantas vezes lhe gritei
Prudente! Não és pisteiro
O capitão dita a lei
Não é da fila o primeiro.
Não ouvindo qualquer conselho
Penetrava só no mato
Regressava de joelhos
Gritando: - Está livre o passo!
Até que, de repente, um dia
Marchando alegre na frente
Bala ceifa valentia
Leva Prudente p’ra sempre.*

Ao nosso país não posso propriamente fazer uma homenagem mas saiu-me um desabafo a que dei o título

ESTE PAÍS QUE É NOSSO

*Este país em que nascemos
Este país por quem lutámos
De armas de guerra na mão
Este país é nosso. Eu sei!
Este país que não multiplica os pães
Que tem cada vez menos pais
Que tem cada vez menos mães
Este país é nosso. Eu sei!
Este país em que os D's foram esperança
Em que Democracia foi uma certeza
Descolonização não fim de matança
Desenvolvimento uma fraqueza
Este país é nosso. Eu sei!
Neste país em que incompetência floresce
Em que novos D's se multiplicam
A esperança é Dívida
O Desemprego cresce
O Deficit martiriza.
Este país é nosso. Eu sei!
Neste mundo de bluff à nossa porta
Em que se escolhe o país
Para jogar à banca rota
Este país é nosso. Eu sei!
Sejam quais forem as condições da frota
É por este país que lutarei!
Tal e qual
Quer queiram quer não
Com todas as armas na mão
Defendendo Portugal
Tal e qual
Com alma e coração
Contra a especulação infernal
Com um novo D: Determinação.
Eu sei! É nosso este Portugal.*

Finalmente permitam-me que termine com um poema que fiz após ter ouvido a minha neta mais nova num recente concerto de Natal do seu Colégio e que julgo nos situa na quadra que mais uma vez estamos a viver:

NATAL

*Cantam, cantam os meninos
Nesta época de Natal
Casa e escola são os ninhos
Com palha celestial
Respira-se um ar mais leve*